

ESPAÇO | SOCIALISTA

Nº 73 - Outubro de 2014

Contribuição: R\$ 1,00

Organização Marxista Revolucionária



NOSSAS PROPOSTAS PARA MUDAR O PAÍS

BALANÇO ELEITORAL

TRABALHADORES SAEM PERDENDO

CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE

NEM DILMA, NEM AÉCIO. LUTEMOS NAS
RUAS POR OUTRA SOCIEDADE

PROGRAMA

MUDANÇA DE VERDADE? SÓ NÃO PAGANDO
A DÍVIDA PÚBLICA

CRISES, GUERRA, FOME...

SOCIALISMO OU BÁRBARIE

URNAS ABERTAS, VOTOS CONTADOS. TRABALHADORES PERDEM.

Assim que o resultado do primeiro turno das eleições foi publicado, a coordenação do Espaço Socialista tirou posição geral tanto em termos de avaliação das tendências quanto da posição a ser adotada no segundo turno, conforme apresentamos no texto abaixo:

Fim do primeiro turno. Agora é hora de começarmos a pensar o que esse processo eleitoral expressou, pois é importante para a definirmos as tarefas de continuidade das lutas.

Depois das jornadas de junho, essas eleições representam o primeiro grande acontecimento em que poderíamos identificar o nível de consciência política das massas de trabalhadores. Era grande a expectativa se teríamos ou não um comportamento de questionamento do processo eleitoral ou dos políticos tradicionais. E procurando responder a essa inquietação apresentamos um balanço inicial sobre o resultado do primeiro turno das eleições e a nossa proposta tática para o segundo turno: Voto nulo.

A RUPTURA COM O PT: INDO PARA A DIREITA?

No nosso jornal 70 já tínhamos colocado que estava em curso uma ruptura com o PT, no plano político e também no sindical, inicial e cheia de contradições. Destacamos também que era *“uma ruptura incompleta: Primeiro, porque é só pela negativa e não é acompanhada da construção de uma alternativa. Segundo, que muitas vezes se expressa de forma despolitizada e abre espaço para a direita capitalizar ou avançar...”*

Nos grandes centros econômicos do país, o conteúdo dos votos para presidente foi de oposição ao governo federal e ao próprio PT. Para ficarmos em alguns exemplos: em São Paulo há literalmente uma “onda” contra Dilma e o PT (Dilma teve só 25% dos votos do maior colégio eleitoral do país), no Sul os votos de Aécio superaram os de Dilma. Somados os votos de Marina e Aécio superaram em 17%. Essa foi a menor votação no PT desde 1989. A bancada federal do PT foi a que mais encolheu: de 88 para 70 deputados.

Outro fato importante de demonstração da ruptura com o PT é o fato de Dilma ter perdido a eleição na região do ABC paulista, tradicional espaço petista. Nas fábricas também vão se expressando descontentamentos com a direção cutista. São derrotas e mais derrotas. O comprometimento da CUT com as empresas tem feito com que façam acordos cada vez mais desfavoráveis aos trabalhadores.

Claro que esse processo ainda não levou o PT às lonas. A eleição de Pimentel em Minas, a possibilidade de fazer até 7 governadores com o segundo turno e o próprio fato de Dilma ter sido a mais votada com possibilidade de reeleição mostram que o partido ainda tem uma base eleitoral importante. Mas, cada vez mais deslocada para regiões mais periféricas do país, o que muitos atribuem aos programas sociais que o governo tem na região (51% dos beneficiários são dessa região).

UM VOTO CONSERVADOR

Toda aquela indignação das jornadas de junho foi para as urnas em forma de um voto, majoritariamente, conservador. Em todas as esferas 70% dos aptos a votarem compareceram às urnas, mantendo um quórum bem elevado.

A eleição do fascista Alckmin no primeiro turno; a vantagem de Pezão no Rio de Janeiro (legitimando as UPPs); Bolsonaro, Russomano, Feliciano entre os mais votados; o aumento da bancada da bala (delegados e policiais) e Serra, Ronaldo Caiado eleitos para o senado, dentre outros tantos exemplos, são demonstrações do caráter conservador e reacionário do Congresso Nacional que saíram das urnas.

Isso tudo demonstra que a direita conseguiu aparecer como a mudança. Primeiro, Marina com o discurso da nova política (não resistiu muito, pois a cada tema que surgia mostrava que era igual aos demais) e depois Aécio com o discurso de mudança.

Essa constatação continua no segundo turno para presidente também. Dilma e Aécio são expressões desse conservadorismo. Duas opções que são, em essência, contra os trabalhadores. No

debate econômico, por exemplo, não há diferenças substanciais. Se Aécio já nomeou o neoliberal Armínio Fraga, Dilma já disse que vai trocar o ministro da fazenda por alguém da área empresarial.

Temos convicção de que os partidos burgueses são impossibilitados de fazer qualquer tipo de mudança que favoreça o trabalhador. O papel que cumprem na gestão do Estado é o de criar as condições necessárias para o capital garantir a sua reprodução.

Infelizmente, o incrível atraso na consciência de classe e a desinformação dos trabalhadores são razões para que propostas e discursos mentirosos como esses tenham apelo.

UMA COMPOSIÇÃO IDEAL PARA A BURGUESIA VOTAR MEDIDAS CONTRA OS TRABALHADORES

O resultado dessas eleições é também fruto de uma nova conjuntura que se abriu depois da Copa. O baixo crescimento, o aumento da inflação e uma maior competitividade no mercado mundial exigem do capital mecanismos que diminuam o custo da produção para melhor disputar o mercado mundial.

A derrota da greve de Metroviários, a diminuição das lutas em quantidade e intensidade (a greve de Bancários durou 5 dias, com pouco mais de 2% de aumento real), o papel da direção governista do movimento sindical que sabota greves (como em Correios de São Paulo, em que a direção do sindicato passou por cima da decisão da assembleia que havia votado greve) são novos elementos que facilitaram o trabalho da direita.

Essa combinação de pouca mobilização e o resultado eleitoral forma uma conjuntura bem favorável à burguesia. Seja Dilma ou Aécio, o próximo governo contará com uma base



parlamentar bem comprometida com o projeto do capital, facilitando a implementação das reformas almejadas pelo empresariado.

Avaliamos que o próximo governo (Dilma ou Aécio) cumprirá uma agenda de brutais ataques à classe trabalhadora para atender as necessidades do capital.

ESQUERDA: ÀS RUAS, DE FORMA UNIFICADA

A campanha dos partidos de esquerda, em que pese ter apresentado alguns temas (como a questão da homofobia) não se debruçou sobre as dificuldades que a classe trabalhadora vai continuar enfrentando e fez uma campanha bem dentro dos limites da democracia burguesa.

Mais do que posicionar-se pelo voto nulo no segundo turno entendemos que a intervenção da esquerda deva se concentrar na discussão programática para ganhar politicamente a classe para enfrentar os ataques.

Não podemos fazer balanços e não tirarmos as conclusões. A vitória da burguesia nas eleições já era esperada, afinal, era dona do jogo, da regra, do campo e do juiz. Agora cabe a nós, da esquerda, reencontrarmos o caminho das lutas e o nosso campo de batalhas: as ruas. Organizar a classe trabalhadora por reivindicações imediatas, contra os ataques aos nossos direitos e por uma consciência de esquerda.

NEM AÉCIO, NEM DILMA: VOTO NULO

Mais uma vez, como é natural nesse sistema eleitoral burguês, teremos no segundo turno duas candidaturas do capital, que receberam centenas de milhões dos bancos, empreiteiras e agronegócio.

Diante desse quadro, como trabalhadores e ativistas conscientes, temos que rejeitar qualquer voto em Aécio como expressão de uma possível "mudança", pois será certamente uma



mudança reacionária contra os trabalhadores.

Mas, também não podemos cair na cilada do "mal menor" e votar em Dilma. Não podemos ceder a essa ilusão, pois apesar de algumas diferenças entre os dois partidos e blocos as diferenças são muito menores do que aquilo que os une.

Ambas as candidaturas são de partidos responsáveis por gerenciar o projeto do capital para o país, como foi o caso de privatizar (ou manter privatizadas) - ainda que por formas diferentes - parte fundamental da riqueza do país; realizaram as reformas para o capital (previdenciária: PSDB em 1998 e PT em 2003), impuseram uma política de arrocho ao funcionalismo público e a corrupção se manteve nos mesmos níveis.

Agora, o aprofundamento da crise, a composição reacionária do Congresso e as declarações de ambos os candidatos e seus assessores apontam para o mesmo sentido. Por mais que existam diferenças entre as formas concretas de governo do PT e do PSDB, ambos serão governos contra os trabalhadores e vão realizar uma série de ataques logo após a posse.

Assim, mesmo sabendo da enorme pressão do "Voto Útil" em Dilma é nosso dever marcar uma posição de defesa da independência de classe dos trabalhadores frente aos patrões e candidatos que de uma forma ou de outra representam os interesses dos empresários e do capital.

Como parte da campanha petista vamos ouvir várias frases prontas contra o voto nulo: "vai deixar a direita chegar ao poder", "vai aumentar a repressão", "vai acabar com os programas sociais."

Argumentos falaciosos. Ninguém duvida que o PSDB seja parte da mais pura direita. No entanto, a direita tem sido levado ao poder também pelas mãos do PT, a fim de demonstrar unidade entre os projetos de governo para o país. Todos os ministros da agricultura, por exemplo, foram ligados ao agronegócio, setor de posições de direita (como da senadora Kátia Abreu, PMDB). Já é considerável o aumento da repressão aos movimentos sociais, a articulação para a não concessão de direitos como a legalização e descriminalização do aborto e para a não criminalização da homofobia. Além das bancadas fundamentalistas, a direita está entre os principais aliados do PT.

Em relação à repressão foi o próprio

governo do PT que criou a Força Nacional, tropa de elite militar, utilizada para conter manifestações (como as contra a Copa) e para invadir favelas e manter projetos reacionários e antipopulares, como é o caso das UPPs.

Os programas sociais de renda (Bolsa Família, etc.) representam apenas 0,5% do PIB (cerca de 25 bilhões de reais) por ano, um gasto pequeno (1/40 do que é pago ao sistema da Dívida pública e ainda mantém sob controle político um imenso contingente de pobres). É provável que Aécio mantenha esses e outros programas como o PROUNI, o Minha Casa Minha Vida, etc., que beneficiam também ao empresariado.

Em relação às privatizações ambos os candidatos privatizam, apenas com diferenças de forma e mediações.

Outro fato que demonstra que Dilma representa um projeto do capital, tanto quanto Aécio, é que sua campanha até agora foi a que mais recebeu doações (investimentos) das empresas.

No momento atual, em que ocorre um processo de ruptura com o PT, fruto de uma experiência prática com o governo burguês desse partido e com sua atuação nos sindicatos, é fundamental não nos deixarmos levar pela política do "mal menor", pois pode conduzir a um mal tão maior quanto o que já estamos visualizando.

Não nos esqueçamos de que em 98, no segundo turno das eleições para o governo de São Paulo, o próprio PT chamou voto em Covas (PSDB) contra Maluf (PP) alegando que o PSDB era o "mal menor". Esse mal menor virou o mal maior e agora se elegeram no primeiro turno com Alckmin.

Precisamos resgatar as nossas propostas e exigirmos os direitos que contemplem de fato as necessidades dos trabalhadores, e não nos guiarmos pelo mal menor, sob pena da consciência de classe das massas de trabalhadores ir retrocedendo cada vez mais.

Mesmo com dificuldades a tarefa principal dos lutadores é contribuir para que os trabalhadores percebam que tanto Aécio quanto Dilma são nossos inimigos e que precisamos nos organizar para enfrentar as duras lutas que virão tanto em um governo quanto no outro. Votar nulo é dizer que nenhum nos representa e que poderão ser impedidos de governar com a unidade e a luta dos trabalhadores!

A intervenção nas eleições burguesas sempre foi tema polêmico entre os revolucionários. Nessas eleições não poderia ser diferente, ainda mais por que houve fragmentação e confusão inéditas.

Seguindo o que, ao nosso ver, representa o melhor da tradição socialista revolucionária, lançamos o debate público das posições existentes na Organização sobre o Balanço do primeiro

turno e da tática adotada por nós e pelos demais setores da esquerda.

As divergências e debates internos não são estanques, refletem e também estão entre os ativistas no movimento. Se feitos em um clima de respeito são ricos e proveitosos. No contexto atual de crise de alternativas e reconstrução da alternativa socialista se fazem ainda mais necessários.

Iniciamos a publicação (no nosso jornal e site) de artigos referentes ao Balanço das eleições, táticas e estratégias empregadas pela esquerda a fim de buscarmos as lições que sirvam de orientação para as tarefas e para os próximos períodos. Com esse texto abrimos o debate e continuaremos nas próximas edições. Chamamos os leitores a acompanharem e participarem.

NEM DILMA, NEM AÉCIO! LUTEMOS NAS RUAS POR OUTRA SOCIEDADE

NÚCLEO PROFESSORES MACEIÓ

Terminado o primeiro turno dessas eleições, cabe-nos reafirmar nossa posição de não apoiar nenhuma candidatura nesse segundo turno. Mesmo no calor do processo e com o risco de fazermos caracterizações precipitadas sobre os elementos políticos que estão postos, devemos nos posicionar sobre o quadro político atual e apontar algumas diretrizes para o próximo período.

Uma vez colocados lado a lado nesse segundo turno, o PT e o PSDB, como sabemos, representam os interesses das grandes corporações empresariais, dos latifundiários e dos banqueiros. Sabemos que são esses setores quem estão financiando cada um desses candidatos.

Afirmamos no primeiro turno que nenhuma das candidaturas postas pelo conjunto dos partidos políticos representavam os interesses da classe trabalhadora, inclusive as apresentadas pelos partidos de esquerda. Resolvemos fazer uma campanha de boicote as eleições e denunciar a “festa da democracia”. (Ver texto: “Voto nulo contra o capitalismo! Com organização de base dos trabalhadores, ação direta nas ruas e socialismo” site: espacosocialista.org).

Por um lado, temos os partidos e as organizações de esquerda. Boa parte destes partidos se utiliza da argumentação de que lançar candidaturas é uma tática para aproveitar o momento e o espaço que se abrem nas eleições para divulgar o seu programa da esquerda e denunciar o processo eleitoral como uma farsa, no qual o povo é iludido a achar que é exclusivamente através do voto que se pode mudar alguma coisa em suas vidas.

Além disso, esses partidos costumam acusar as demais organizações que

decidem não apoiar algum candidato da esquerda. Acusam-nos de sermos ultra-esquerdistas, anarquistas, sectários responsáveis pela não unificação da esquerda e de estarmos fazendo a leitura errada da realidade ao não apoiarmos os seus candidatos.

Por fim, dizem que ao não fazermos campanha para as suas candidaturas estamos nos isolando do conjunto da classe trabalhadora e, conseqüentemente, não contribuindo para o avanço da tomada de consciência dos setores explorados e despossuídos da sociedade.

Colocadas as devidas ponderações em torno de algumas exceções que em nada dialogaram com a classe trabalhadora com seus antigos jargões panfletários em alguns poucos segundos na TV e no rádio, o que vimos – a exemplo de outras campanhas – foi justamente uma inclinação cada vez mais latente desses partidos para a via reformista do capitalismo do que de fato a exposição de uma alternativa para superação dessa sociedade.

Longe de denunciar a farsa das eleições, a falência e necessidade de superação dessa sociedade o que assistimos foi a confirmação da tendência que nos fez não apoiar nenhum deles. Vimos um rebaixamento cada vez maior das pautas de interesse dos trabalhadores, a reprodução de métodos estritamente eleitoreiros e, infelizmente, partidos de esquerda implorando por votos como qualquer outro partido da ordem, se utilizando de argumentos como ética, confiança e honestidade!

Por outro lado a direita, com os grandes empresários, latifundiários e magnatas do mercado financeiro tentam através da mídia salvar a ideia de que é somente por meio das eleições que as

pessoas podem resolver os problemas sociais. O querem nos fazer acreditar que as tragédias enfrentadas por nós no transporte, na Saúde, Educação, segurança, etc. são resultados das nossas péssimas escolhas. Sendo isso verdade, basta-nos “votar consciente” que o nosso cotidiano vai mudar para melhor.

No entanto, como em toda e qualquer ideia, é necessário que exista uma conexão entre o que se diz com a realidade. Se a realidade se mostra diferente daquilo que nos acostumamos a escutar da mídia, por mais peso que esta tenha na opinião das pessoas, mais cedo ou mais tarde, o conjunto da população tende a não mais acreditar em algo que lhe foi dito e que, na prática, não se mostra verdadeiro. As manifestações de junho do ano passado são um exemplo disso.

Por mais que a mídia vendesse a ideia de que protestar era coisa de “vândalos” e que atentava contra o “direito de ir e vir” das pessoas, a realidade imposta pelo descaso do governo para com direitos básicos com a Saúde, transporte e Educação fizeram milhões de brasileiros irem às ruas, obrigando as grandes empresas de comunicação a engolirem o seu discurso mentiroso, forçando-as a recuarem e assimilarem toda a revolta popular durante quase um mês.

De dois em dois anos nós brasileiros somos obrigados a eleger os ocupantes dos cargos do poder executivo e legislativo do Estado e, mesmo com a



ideia vendida de que é somente através do voto que podemos mudar o rumo da nossa sociedade, o número de eleitores descrente e desconfiado com o processo democrático só aumenta.

A exemplo das últimas eleições, o índice de votos nulos, brancos e abstenções por parte de uma gama dos eleitores foi alto. Somando-se esses votos tivemos 29% de eleitores em todo o país que não votaram em qualquer um dos candidatos e legendas. Para se ter uma ideia, só em Alagoas, se esses votos fossem colocados no ranking junto com as candidaturas teriam ficado em 3º lugar para o senado e governo estadual, seriam o 3º deputado estadual mais votado e ficariam em primeiro na corrida para deputado federal.

Uma pesquisa divulgada no site do Correio Braziliense [abstencao-brancos-e-nulos-somam-29-dos-votos-percentual-foi-menor-em-2010.shtml](http://www.correio.com.br/abstencao-brancos-e-nulos-somam-29-dos-votos-percentual-foi-menor-em-2010.shtml) aponta que parte desses eleitores não confia nos políticos, independente dos partidos que eles pertencem. Acreditam eles que os políticos são todos iguais.

Longe de afirmarmos que essa parcela significativa da sociedade está cada vez mais tomando consciência sobre o processo eleitoral, o que nos interessa aqui é pensar o papel dos revolucionários nas eleições considerando esse fator como um dos elementos conjunturais e, a partir daí, afirmarmos nossas posições e formulações para o próximo período.

Através das abstenções, votos nulos e brancos, assim como aqueles que, mesmo votando em algum candidato afirmam que todos são iguais e não acreditam em algum tipo de mudança efetiva via eleições, parte dos brasileiros é capaz de perceber que a “ideia” vendida pela grande mídia sobre as eleições não tem correspondência com a dura realidade desses últimos 25 anos de redemocratização. É preciso avançar

nesse sentido.

Dentro deste quadro e em cima das considerações feitas em nossa posição no primeiro turno, resolvemos participar dessas eleições fazendo campanha pelo voto nulo, apontando a farsa da democracia dos ricos e colocando a necessidade de outra forma de sociabilidade. Não nos abstermos do processo.

Em nossa opinião, não é porque optamos em divulgar a necessidade de outro modelo de sociedade por meio da campanha do voto nulo que somos os responsáveis pela divisão da esquerda. Muito menos deixamos de dialogar com a base – mesmo sendo uma organização numericamente pequena – por não termos apoiado algum candidato e acreditarmos que as mudanças necessárias não se fazem por dentro do Estado.

Assim, mais uma vez ratificamos o nosso voto nulo para este segundo turno. Continuaremos mostrando que a democracia não passa de uma mentira. Uma mentira muito perversa, aliás.

A democracia é uma farsa não somente por ser injusta com os partidos nos horários desproporcionais na TV e no rádio. Também não é porque o financiamento dos principais candidatos é feito por grandes empresas que despendem milhões e milhões às campanhas publicitárias e compras de voto. Também não é uma mentira por permitir que corruptos sejam eleitos tirando a vaga de gestores honestos e de confiança. Longe disso.

A democracia é uma farsa porque não é no campo político que se tomam as decisões mais importantes do rumo da nossa sociedade. Não é no congresso, no executivo ou judiciário que se tomam as decisões sobre a economia, modelo previdenciário, reformas na Educação, investimentos na Saúde, etc. Todas as grandes decisões são tomadas no campo econômico. São as grandes corporações

empresariais do mundo, as reuniões do FMI, do Banco Mundial que decidem, “o que”, “como” e “quando” os presidentes devem fazer em seus respectivos países. No Brasil não é diferente.

Aliados aos grandes empresários nacionais, essas organizações mantêm o controle sobre os governos para a manutenção dos seus interesses e privilégios. Não é por acaso que eles concentram em suas poucas mãos a maior parte da riqueza produzida pelos trabalhadores no mundo.

Eles não vão largar tão fácil assim esse “osso”. É preciso nos organizarmos para irmos para além dessa grande farsa eleitoral deles.

Dessa forma, ressaltamos mais uma vez que tanto a Dilma (PT) quanto Aécio (PSDB) representam os interesses dos grupos que fazem parte da classe dominante no Brasil, cada um a seu modo particular de gerir o Estado e os interesses de manutenção e ampliação das taxas de lucratividade necessárias à reprodução do capital. Sendo que, o projeto do PT se adequa melhor à atual conjuntura, visto que tem o controle de boa parte das direções de sindicatos importantes estrategicamente e ainda resguarda uma determinada inserção junto às direções dos movimentos sociais – em especial, do campo.

Acreditamos que independente do partido que esteja a frente do Estado brasileiro nos próximos quatro anos, as contradições expostas pelas manifestações de rua em junho do ano passado irão se aprofundar cada vez mais. Cabe-nos nos preparar para as lutas políticas do próximo período. Todo o conjunto das organizações de esquerda deve fazer um esforço a mais para unificar as suas lutas, deixando de lado os seus interesses particulares em detrimento dos interesses da classe trabalhadora. Nas lutas devemos fazer a unidade necessária que a atual conjuntura nos impõe.



PROPOSTAS SOCIALISTAS DE LUTA PARA MUDAR O PAÍS!

Apesar do ambiente viciado das eleições burguesas, vêm aflorando debates sobre alguns temas importantes, mesmo que de modo distorcido e sem aprofundamento.

Entre esses temas se destacam: a

crise de representação e do sistema político, a questão da independência do Banco Central, do casamento homoafetivo, a descriminalização e legalização do aborto, as drogas, a questão da mobilidade urbana, da

segurança pública e a crise da água.

Essa maior “politização” das eleições expressam - ainda que de modo distorcido - a nova situação de polarização social e política pós movimentos de junho/2013.

A crise econômica, a busca pela burguesia (e seus candidatos) de uma saída para o próximo período, o recrudescimento mais aberto das tendências de direita, aliados ao fato de que o PT teve que adotar uma postura mais ofensiva perante a candidatura Marina; isso tudo fez com que, contraditoriamente, se abrissem alguns debates políticos e programáticos. Os candidatos tiveram que vir a público e se posicionar mais abertamente, diferente de outras eleições.

É dever dos ativistas e militantes intervirmos nesse debate não para escolhermos entre as saídas defendidas pelos candidatos burgueses ou a lógica do mal menor, mas para mostrarmos as reais causas dos problemas sociais e políticos e as soluções estruturais do ponto de vista dos interesses dos trabalhadores.

QUAL O RUMO QUE O PAÍS DEVE SEGUIR?

É nítido o esgotamento do modelo econômico impulsionado pelo PT, baseado na produção de matérias primas (*commodities*) para exportação, incentivo ao crédito, isenções de impostos para alguns nichos de empresas, apostando no mercado interno.

O empresariado cobra muito mais: o aprofundamento brutal dos ataques sobre os trabalhadores, o corte drástico dos gastos do Estado de modo a sobrar mais dinheiro para os juros e amortizações da Dívida Pública (O Orçamento Federal de 2015, prevê um total de despesas de R\$ 2,863 trilhões, das quais R\$ 1,356 trilhão (47%) serão para o pagamento da Dívida), a realização de mais obras em prol do empresariado. O empresariado também exige isenções de impostos e incentivos às empresas como um todo e não apenas para alguns setores.

Além disso, se prepara um choque econômico pós eleições. É cada vez mais provável a alta dos juros para refrear a inflação pela via da redução do consumo das massas. Isso deve aprofundar a recessão e a reestruturação das empresas.

Muitas fábricas e mercados já estão demitindo, dando férias coletivas ou lay-offs. O tarifaço (aumento das contas de luz, água, telefone, transporte, combustíveis, impostos), juntamente com uma desvalorização do real frente ao dólar devem levar ao chamado “ajuste de preços” que significa uma maior apropriação da riqueza pela burguesia contra os trabalhadores. Os mínimos reajustes conseguidos em greves duras nos anos anteriores tendem a virar fumaça com o aumento geral dos preços.

É nesse contexto que se coloca a questão da independência x autonomia do banco central.

PSDB E PT PRIVATIZAM, A DIFERENÇA É APENAS NAS FORMAS E MEDIAÇÕES

O PT com Lula e Dilma tentam se apresentar como defensores do patrimônio público, contra as privatizações, impulsionadas pelos tucanos.

De fato, o período dos tucanos foi farto em privatizações de várias empresas extremamente lucrativas vendidas muito abaixo de seu valor, com o Estado bancando a compra, pois os grupos compradores podiam pegar empréstimos no BNDES a juros irrisórios e prazos de décadas, além de outros artifícios e tramóias no que veio a se chamar a Privataria Tucana. O maior símbolo foi a privatização da Vale do Rio Doce, a gigante brasileira de mineração, vendida por menos de um décimo de seu valor.

Já o PT realizou e realiza outra forma de privatização, mais complexa e mais mediada, mas não menos danosa. A chamada concessão, por até 30 anos!

O maior exemplo foi a concessão do Campo de Libra, o maior já descoberto na história da Petrobrás. Foi entregue a transnacionais do petróleo para exploração por 30 anos, quando então não haverá mais petróleo.

Além disso, ao contrário do que dizem, os governos de Lula e Dilma aprofundaram a privatização da Petrobrás, Banco do Brasil e outras estatais mantendo e ampliando os lotes das ações mais rentáveis nas mãos de empresas e fundos de pensões. Também

aumentaram a terceirização e a lógica empresarial no interior dessas empresas, que hoje pouco se diferenciam de empresas privadas. Na Petrobrás desde 2003, o número de terceirizados saltou de 121 mil para 360 mil, um crescimento de quase 200%. Foram sete vezes mais contratados indiretamente do que o total de concursados efetivados.

No caso das rodovias e ferrovias, portos, aeroportos e estádios, o investimento foi do Estado e a empresa que recebe a concessão também pode pagar com dinheiro financiado pelo BNDES. Mas o lucro é das empresas que assumem o controle. Já as tarifas são para os usuários.

Da mesma forma a compra de vagas nas universidades privadas de qualidade questionável ao invés de expandir as universidades públicas, através do PROUNI ou do PRONATEC, é ou não também uma forma de privatização?

Também sob o PT, assim como sob o PSDB temos assistido a uma *privatização na lógica de funcionamento do Estado*, em prol dos interesses do capital. É assim que o Estado tem bancado isenções de impostos, crédito farto praticamente sem juros e obras para montadoras, bancos e agronegócio ano após ano.

Vemos então que tanto o PSDB como o PT privatizaram e no próximo governo vão querer privatizar ainda mais para atender a sede de lucros no marco de um capitalismo em crise estrutural. Sua diferença é apenas nas formas e mediações. Enquanto o PSDB privatiza de modo aberto, escancarado, a burocracia (base social) do PT privatiza sem entregar *diretamente* todo o patrimônio público para o empresariado de modo a preservar parte do controle e dos rendimentos para o Estado de onde afluem seus rendimentos e privilégios.

Mas em ambos os casos temos o direcionamento do dinheiro público para



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

o empresariado e ao mesmo tempo o tratamento de empresa privada no interior das estatais que ainda sobraram e até mesmo do próprio Estado com as políticas de meritocracia e de ir atacando/minando a estabilidade dos funcionários públicos.

Por outro lado, a maioria das correntes de esquerda (inclusive o PSTU e o PSOL) cobra a estatização ou reestatização das empresas privatizadas, mas sem realçar a importância do *controle dos trabalhadores*. Isso é uma grave capitulação ao estatismo e aos interesses de uma possível burocracia de esquerda.

Como ficou demonstrado nas experiências da União Soviética e demais países do Leste Europeu, a estatização sem o controle dos trabalhadores não conduz à superação do capital, apenas a uma outra forma de extração da riqueza dos trabalhadores mesmo que sem a figura do patrão individual, mas do Estado.

Assim, nossa posição é a Reestatização Integral sob controle dos trabalhadores das Empresas Privatizadas durante os governos FHC, Lula e Dilma com a reversão das concessões e colocação de todos esses ramos e empresas a partir de uma lógica voltada para os interesses e necessidades coletivas e não do capital.

CORRUPÇÃO: PT E PSDB, O SUJO FALANDO DO MAL LAVADO

Em matéria de corrupção é difícil saber quem está mais enlameado. Do PSDB sabemos casos clássicos como a compra pelo governo dos deputados que receberam cada um 200 mil reais para votar a favor da emenda da Reeleição. O PT deu prosseguimento à prática com o mensalão, que o PSDB também fez em Minas. Não precisamos falar do escândalo da Petrobrás, enquanto Alckmin é acusado de corrupção no caso dos Metrô. Realmente a competição é acirrada.

INDIGNAÇÃO SELETIVA



A questão é que a corrupção é parte do sistema político logo a partir do financiamento das campanhas, pois as “doações” das empresas são na verdade investimentos que depois são cobrados em valores muito maiores. Além disso, o sistema de democracia representativa sem a participação direta e o controle dos trabalhadores esconde as decisões e propicia a corrupção.

Defendemos a prisão dos corruptos e corruptores e a confiscação de seus bens, bem como o fim da reeleição, das doações de empresas às campanhas, o fim do Congresso Burguês e a criação em seu lugar de um Congresso de representantes dos trabalhadores e seus movimentos de luta. Que recebam o mesmo salário médio de um trabalhador e com mandatos revogáveis pelas assembleias que os elegeram. Isso só é possível a partir de um alto nível de acirramento e mobilização de massas capazes de gerar organismos de base e ampla participação, que dêem suporte a esse poder dos trabalhadores em que a corrupção não tenha espaço para se desenvolver, onde o controle seja coletivo e não haja privilégios individuais ou de grupos.

PARA OS TRABALHADORES SÓ HÁ SAÍDA ROMPENDO COM O CAPITAL

A questão é: como poderíamos ter uma política econômica – e mais do que isso, um sistema social – a serviço das necessidades dos trabalhadores, que produzem a riqueza social, mas não têm o direito de decidir nada de realmente importante no país?

Qualquer mudança real nas prioridades do Orçamento passa por uma luta e uma ruptura com os interesses do capital de modo a termos o dinheiro para os investimentos necessários na Educação e Saúde Públicas e demais serviços públicos.

POR UM PLANO ECONÔMICO DOS TRABALHADORES!

Damesma forma, ambos os candidatos falam em combater a inflação. Mas, o que temos é a sua disparada, se anunciam uma série de reajustes de tarifas e preços para o próximo ano e que devido às eleições estão “represados”. É o chamado

“ajuste de preços” que já está acontecendo e tende a aumentar tornando a vida de muitos trabalhadores insustentável. Tanto Dilma quanto Aécio se omitem perante esses aumentos e certamente implementarão o tarifaço após as eleições

É preciso um congelamento dos preços sob controle dos trabalhadores. Para garantir a produção e impedir o lockout (boicote patronal), que já ocorreu outras vezes, seria preciso o controle dos trabalhadores sobre a produção e distribuição da riqueza, das fábricas, hipermercados.

Como forma de termos uma elevação radical do poder de compra dos trabalhadores é preciso um aumento geral dos salários. Salário Mínimo do DIEESE (R\$ 2861,55), valor necessário para sustentar uma família de 4 pessoas.

Não aceitamos a falsa alegação da redução do custo Brasil como forma de favorecer os lucros do empresariado em um contexto de crise estrutural do capital. Nenhuma redução ou flexibilização de direitos trabalhistas!

Nenhuma demissão! Pela redução da Jornada de Trabalho sem Redução dos Salários!

Fim do fator previdenciário: criado no governo FHC e mantido pelo PT com a alegação de que a Previdência não suportaria o gasto. Agora, tanto Dilma quanto Aécio descaradamente dizem defender o fim do fator Previdenciário, mas o que escondem é que preparam uma nova Reforma da Previdência que pretende aumentar a idade dos trabalhadores para se aposentar.

Um programa para a previdência teria que acabar com o fator Previdenciário e cancelar as contra-Reformas realizadas nos anos de FHC e Lula. Defendemos a aposentadoria exclusivamente por tempo de trabalho.

Para aumentar a produção de alimentos e diminuir seu preço defendemos uma Reforma/Revolução Agrária com expropriação do agronegócio sob controle dos trabalhadores e utilização da terra sob controle dos trabalhadores.

Para solucionar a questão da moradia defendemos a expropriação dos imóveis hoje vazios e utilizados para especulação e sua utilização sob controle dos movimentos de luta pela moradia

PARA MUDAR O BRASIL DE VERDADE, SÓ ROMPENDO COM O CAPITALISMO

Escolares soberanos e de luta com eleição direta!

Não ao aumento da repressão dentro das escolas e universidades! Os problemas de disciplina são de raiz social e não caso de polícia. Não à

instalação de câmeras, grades e a presença da polícia no interior das universidades e escolas! Pela abertura das universidades e escolas às atividades das comunidades!

Fim do vestibular com a expansão das vagas para todos! Enquanto isso não ocorra, cotas proporcionais para negros e indígenas e maioria das vagas para jovens das escolas públicas.

Combater a crise da água com a construção de obras de captação. Reestatização Integral da SABESP e outras companhias de água. Combate à poluição ambiental para combater o desequilíbrio climático. Que o racionamento da água seja sob controle dos trabalhadores, cortando os supergastos da burguesia e classes privilegiadas.

A “DÍVIDA PÚBLICA” NÃO É PÚBLICA E JÁ FOI PAGA!

1

A questão da Dívida é central no orçamento brasileiro, mas Aécio e Dilma sequer tocam no assunto. E não é à toa. Mexer com a Dívida é mexer com os interesses dos seus doadores, pois hoje mesmo as empresas ditas produtivas têm parte importante do seu capital investido nos títulos da Dívida Pública, recebendo enormes fortunas de juros todo ano.

O gráfico abaixo é dos percentuais do Orçamento Federal para o ano de 2014. Mas, no ano que vem o montante previsto para pagamento da Dívida será ainda maior!

Segundo o site *Auditoria Cidadã da Dívida*, “O Orçamento Federal de 2015, prevê um total de despesas de R\$ 2,863 trilhões, das quais R\$ 1,356 trilhão (47%) destinam-se ao pagamento de juros e amortizações da Dívida Pública. Esse valor representa 13 vezes mais que os recursos previstos para a Saúde, 13 vezes mais que os recursos previstos para Educação, ou 54 vezes os recursos previstos para transporte.

POR SERVIÇOS PÚBLICOS, GRATUITOS E DE QUALIDADE!

2

Temos visto por parte dos candidatos a defesa do aumento do número de Escolas de Tempo Integral, mas sabemos que sem recursos, sem equipamentos, salário, jornada paga para preparação e correção de atividades e sem incentivo profissional e de emprego aos alunos essas escolas tornam-se apenas semipresídios para contenção e repressão da juventude. A defesa, por eles, da qualificação dos professores e da meritocracia visa passar a ideia de que a crise educacional é culpa dos professores que “não possuem qualificação” ou “não se esforçam”.

Ao mesmo tempo, tanto Dilma quanto Aécio praticam uma política educacional que desenvolve apenas as habilidades mínimas para formar uma mão de obra precária e que venha a ser super-explorada nos piores trabalhos. Defendem também parcerias com as empresas e as formas de terceirização e contratação temporária. Não podemos esperar qualquer melhoria na Educação nem de Dilma (PT) e muito menos de Aécio (PSDB).

Só a luta de professores, alunos, pais e demais trabalhadores pode reverter o desmantelamento, precarização e privatização dos serviços públicos, em especial da Educação e da Saúde.

No caso da Educação, não podemos nos conformar com as promessas ilusórias para 2020! É preciso o investimento dos 10% do PIB para a Educação Pública Já! A estatização do ensino privado e sua transformação em Ensino Público e sob controle dos trabalhadores.

A definição democrática entre professores, alunos e pais sobre o Currículo, o funcionamento das escolas e universidades com eleição pela base de todos os cargos e funções de poder.

Manutenção das Disciplinas de Sociologia e Filosofia nas escolas e universidades! Por Conselhos Universitários e

TRANSPORTE PÚBLICO E MOBILIDADE URBANA

3

O transporte urbano não pode mais ser meio de realização dos lucros tanto das grandes montadoras de veículos como das empresas de ônibus. A Prioridade deve ser para os transportes coletivos e formas combinadas de transporte públicos, gratuitos e de qualidade.

Não ao aumento das passagens, redução das tarifas rumo à tarifa zero!

Integração gratuita em todos os terminais! Definição dos itinerários pelos trabalhadores e usuários!

Passage livre para estudantes e desempregados!

Para garantir essas medidas: estatização do sistema de transporte sob controle dos trabalhadores!

Incentivos aos bicicletários públicos para utilização e devolução de bicicletas em integração com trens e metrô!

Replanejamento urbano de modo que diminua o intenso deslocamento das pessoas para o trabalho e estudo.

RESGATAR E REDEFINIR O PAPEL DO FUNCIONALISMO PÚBLICO!

4

O funcionalismo é considerado o grande vilão do Estado, ao passo que os verdadeiros culpados pela crise do serviço público se isentam.

Todos os candidatos falam em “meritocracia”, defendem transformar parte significativa do salário em bônus e gratificações, a fim de acabar com a garantia de remuneração mínima (salário base). Além disso aumentam de modo vertiginoso as terceirizações, com consequências cruéis para os direitos, os salários e as lutas.

O Funcionalismo deve buscar a unidade entre as diversas categorias e com os demais trabalhadores com o objetivo de construir a resistência contra essa destruição e privatização dos serviços públicos e os ataques às condições de contratação e de trabalho.

Estabilidade no emprego para todos! Efetivação dos terceirizados e temporários com os mesmos direitos dos demais trabalhadores! Fim da política de meritocracia! Salários e condições dignas de trabalho para todos!

AS QUESTÕES SOBRE HOMOFOBIA, MACHISMO E RACISMO

5

Apesar de se acusarem mutuamente, as candidaturas são conservadoras quanto a essas questões tão caras hoje em dia aos trabalhadores. Do PSDB nem se fala, jamais se preocupou com os trabalhadores. Agora vai afinar o discurso para tentar ganhar a benção e os votos dos pastores e bispos fundamentalistas e reacionários (como Malafaia), que estiveram junto com Marina, e não ameaçar a estrutura social e familiar patriarcal e opressiva.

Já Dilma apesar de se apresentar como modernizadora e defensora do avanço das relações entre os sexos também se omite perante o casamento homoafetivo. Além disso, nas eleições de 2010 recuou abertamente da defesa da descriminalização e legalização do aborto por um acordo com a cúpula das igrejas católica e evangélicas. Em seu governo mandou suspender o kit Anti-homofobia e engavetou os projetos que propunham a descriminalização e legalização do aborto e das drogas.

O que une as candidaturas da burguesia e os setores da igreja (seus pastores, bispos, papa) é a manutenção da estrutura social e familiar patriarcal. Enquanto isso, as mortes por aborto clandestino, a violência e o assassinato de mulheres e LGBTTs seguem crescendo.

Nessas eleições, a pauta LGBTT está em voga e, como se pode ver, da pior maneira possível. Os direitos LGBTT viraram moeda de troca nas campanhas para vangloriar votos, seja a favor ou contra. Além disso, tem tido a exposição de discursos de candidatos não somente homofóbicos, mas propagadores de ódio e que conclamam o extermínio de pessoas (como se a LGBTTfobia já não matasse impiedosamente essa população). Isso tudo prova a necessidade da luta e a da sensibilização das pessoas quanto a garantia de direitos iguais para LGBTTs.

E se não bastassem a criminalização e a ilegalidade do aborto, também não há Delegacias da Mulher em todos os municípios e nem funcionamento necessário, faltam casas-abrigo e assistência de fato às mulheres que sofrem violência. Muitos violentadores, estupradores e assassinos continuam impunes.

Também antes e durante a Copa houve vista grossa para a intensificação da exploração sexual e da prostituição, inclusive de menores, para atrair capital e turistas para o país.

As várias formas de violência contra a mulher buscam impor a subordinação ao ambiente de trabalho, ao trabalho domésticos (dupla ou tripla jornada), e mecanismos de controle hierárquico do homem para que continue procriando, trabalhe em empregos precários, receba salários mais baixos, realize o trabalho não pago de criação dos filhos e cuidado da casa a sua mão de obra tenha o menor custo possível para o capital.

Precisamos de Educação Sexual nas escolas e políticas públicas (prevenção, contracepção), do casamento homoafetivo, da descriminalização e legalização do aborto, da Criminalização da homofobia (Aprovação da PLC 122) e do machismo.

O racismo também continua humilhando e matando parte considerável da população negra da classe trabalhadora. As periferias têm vivido verdadeiro genocídio da juventude negra. As lutas por emprego, salário, fim da precarização, moradia digna, Educação e Saúde de qualidade têm sido sistematicamente reprimidas. Enquanto que não se avança na aplicação das cotas proporcionais nas universidades públicas, escolas técnicas, concursos públicos e demais empregos e programas sociais. Tão pouco se avançou no ensino de História e Literatura da África

com a capacitação dos professores, a obrigatoriedade de planejamento e da execução desse ponto no currículo e nas aulas das universidades e escolas em geral. O enfrentamento ao racismo tem que ser prático e no cotidiano, o que nenhum governo ou candidato da burguesia tem feito.

MAIS DO QUE DEMOCRACIA POLÍTICA, QUEREMOS DEMOCRACIA SOCIAL

6

Independente de quem ganhe, se Dilma ou Aécio, a tendência é que a repressão aumente sobre as lutas, os ativistas e organizações na sociedade como um todo. O capital precisa de um grande endurecimento para impor taxas de exploração mais brutais e não vai refrear sua tendência. A tendência à repressão é parte da chamada Onda Conservadora e tem como expressão o endurecimento das penas e a formação de um banco de dados dos ativistas e militantes para aumentar o controle e as punições.

É preciso que nos preparemos desde já. Precisamos constituir e fortalecer Fóruns Unitários de Luta e contra a repressão e realizar campanha permanente pelo direito de greve, de manifestação, pela democracia social como direito dos trabalhadores, jovens e dos movimentos de periferia e setoriais de se organizarem e irem à luta por suas necessidades.

Não queremos apenas a democracia política burguesa, limitada. Pela democracia social dos trabalhadores!

É PRECISO SUPERAR A SOCIEDADE DE CLASSES. PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

7

As candidaturas fazem promessas, “propostas” para resolver os problemas do país. Levantam questões éticas e morais de honestidade e combate a corrupção. Mas, de fato o que está por trás dos problemas?

Não se trata apenas se um governo é honesto, se administra melhor, mas para quem e quais interesses busca atender de fato. Não vai ser com um governo burguês, por mais honesto que seja, que iremos resolver qualquer um desses problemas. Vivemos em um mundo dividido em classe e a classe dominante, os grandes capitalistas e seus agentes estão nos governos, no parlamento e no judiciário, seja do partido A, B ou C.

Todas as medidas visam garantir o lucro das grandes empresas, dos bancos, do agronegócio, das construtoras, e a exploração da classe trabalhadora em primeiro lugar; a manutenção e reprodução do sistema capitalista, a começar pela subordinação e dependência ao capital internacional.

Nesses tempos de crise, qualquer melhoria é fruto de muita luta para arrancar alguma concessão, por mais que possa parecer que seja pela boa vontade de quem está no poder. Não podemos nos esquecer, que de fato, todo o dinheiro arrecadado pelos impostos e que deveria ser destinado a atender as necessidades da população, é fruto do trabalho.

Portanto, para que haja de fato uma mudança é necessário um Governo Revolucionário dos Trabalhadores, que ordene o funcionamento da sociedade a partir dos interesses da classe trabalhadora e de decisões tomadas coletivamente em suas organizações de base e de luta. As lutas que travamos hoje contra os problemas imediatos devem servir também para elevar a consciência e organização, para a necessidade de tomar e exercer o poder e na perspectiva do socialismo.

INDEPENDÊNCIA X AUTONOMIA DO BANCO CENTRAL...

O Banco Central é o banco dos bancos. Tem a função de emitir dinheiro, fixar a taxa de juros básica, que serve de parâmetro para as demais taxas de juro do mercado. Também atua no mercado de câmbio das moedas, sendo o principal responsável, pela cotação do dólar e do euro. O BC ainda coordena os depósitos compulsórios, feitos obrigatoriamente pelos bancos junto ao BC para garantir que pelo menos uma parte do valor que os bancos movimentam “exista de verdade” como um lastro. Por último o Banco Central também empresta dinheiro a bancos em dificuldades.

A *independência* do Banco Central (proposta abertamente por Marina e sua equipe econômica) significa que o presidente do BC seria nomeado pelo Congresso (Câmara e Senado), casas de controle indiscutível do empresariado. Essa equipe dirigente do BC não poderia ser demitida pelo governo, reportando-se apenas ao Congresso.

A independência do BC significa maior rigidez no cumprimento das metas que o mercado financeiro anseia para ver seus altíssimos ganhos rentistas garantidos. Por outro lado pode desagradar setores do empresariado industrial, agronegócio e

serviços que em muitos momentos dependem justamente da possibilidade do governo poder intervir na economia e flexibilizar essas metas, direcionando dinheiro para ajudá-los. Um exemplo foi a intervenção do governo impulsionando o crédito para a compra de imóveis e veículos, e para a safra anual, etc.

No GOVERNO DO PT, o BC JÁ TEM AUTONOMIA DE FATO

Em seu programa de TV o PT fez uma paródia mostrando uma mesa em que o presidente do BC aparece reunido com os banqueiros que vão definindo as diretrizes econômicas. Mas o que o programa não mostra é que, embora de modo mais indireto, isso já acontece no governo do PT.

Hoje o Banco Central tem *autonomia operacional*. O governo nomeia o presidente do BC e sua equipe, que a partir daí agem consultando/se submetendo (a)os grandes fundos de pensões, bancos e suas consultorias, de modo a sintonizar o BC com as demandas do mercado financeiro.

Durante os 8 anos de mandato, Lula manteve como presidente do Banco Central ninguém menos que Henrique Meirelles, herdado do governo Fernando Henrique e de absoluta “confiança” do

mercado financeiro.

A taxa básica de juros por exemplo (taxa Selic) embora seja definida pelo governo, só ocorre após consultas ao chamado *Boletim Focus* que expressa as previsões das 100 principais agências de consultoria. Tirando alguns momentos, as reuniões do COPOM (Comitê de Política Monetária) praticamente oficializaram as expectativas de juros que já haviam no mercado.

Em seu governo, Dilma substituiu Meirelles por Alexandre Tombini. As dificuldades econômicas, levaram o governo a intervir, baixando a taxa de juros através dos Bancos Públicos do BC o que recompôs momentaneamente o consumo. Os movimentos do ano passado e a proximidade das eleições também fizeram com que o governo flexibilizasse um pouco as metas. Mas Dilma já sinaliza com uma reconciliação após as eleições, prometendo trocar a equipe econômica atual e praticar uma política econômica “austera”... com os trabalhadores. Bastou essa declaração para que as doações para sua campanha dessem um salto.

Assim, seja com *independência* ou *autonomia* o Banco Central já está e continuará a serviço e sob controle do capital, especialmente do capital financeiro, sua fração mais concentrada e elitista.

O CAPITALISMO TRAZ GUERRAS, CATÁSTROFES, MISÉRIAS. SOCIALISMO OU BARBÁRIE!

“A escolha continua sendo entre socialismo e barbárie. Pode-se não saber mais o que é socialismo, mas para saber o que é barbárie basta abrir os olhos.” Luis Fernando Veríssimo – O Globo – 22/09/2014

Ainda está em aberto o debate sobre os motivos que levaram à derrota das tentativas de transição ao socialismo no século XX. O século passado terminou com a proclamação da vitória do capitalismo, com uma violenta ofensiva econômica, política e ideológica da burguesia contra os trabalhadores, sob os slogans de “fim da história”, “fim do socialismo”, “fim do marxismo”, “fim das ideologias”, “fim das grandes narrativas”, “fim do sujeito”, “não há alternativa”, etc. Mas independentemente dos motivos que impediram o avanço rumo ao

socialismo, uma coisa é certa: o capitalismo, este sim, é um fracasso retumbante. Vejamos adiante alguns exemplos desse fracasso.

GUERRAS

O capitalismo é um sistema baseado na violência, na apropriação do trabalho não pago, a mais valia, que é roubada diariamente de todos os trabalhadores. Esse sistema só conseguiu surgir e se erguer com base em atos de violência colossais, como a expropriação dos camponeses na Europa, o genocídio dos povos originários das Américas, a destruição das sociedades africanas e a escravização de milhões de negros, o esfacelamento das antigas sociedades asiáticas, etc. No século XX, duas guerras mundiais foram provocadas pela disputa entre as potências imperialistas pela

partilha do mundo.

No século XXI, continuamos sob a ameaça permanente da guerra em diversos formatos. Temos as guerras entre Estados nacionais e as “guerras assimétricas” contra forças dispersas, como a “guerra ao terror” que nunca termina, a “guerra contra as drogas”, todas pretextos para intervenções militares imperialistas. Temos a guerra civil na Síria, no Iraque, no Afeganistão (países de onde os Estados Unidos tiveram que se retirar, mas agora querem voltar), a guerra civil mais ou menos disfarçada na Ucrânia, guerras civis no Sudão, Mali, República Centro-Africana, etc. As ideologias do ódio nacionalista, racial, tribal e religioso movem essas guerras, mas os seus motivos materiais são os interesses imperialistas em

controlar riquezas naturais vitais para a sobrevivência dos seus negócios.

Além das guerras declaradas entre Estados, vivemos uma guerra social, uma onda mundial de militarização, policiamento, vigilância, autoritarismo nos locais de trabalho, nas famílias, nas escolas, repressão, judicialização, criminalização das lutas sociais e da pobreza em geral, agressões fascistas contra movimentos dos trabalhadores, imigrantes, LGBTs, violência cotidiana contra a mulher, etc. Para contornar sua crise estrutural e continuar explorando os trabalhadores, o capitalismo necessita cada vez mais da violência.

Está em curso uma verdadeira guerra civil não declarada contra os pobres e miseráveis nas periferias do mundo inteiro. Os negros nas favelas do Brasil ou do Haiti, os negros e latinos nas ruas e presídios dos Estados Unidos, os imigrantes na Europa, os palestinos em Gaza, são todos vítimas de operações policiais e militares de extermínio. Aqueles que não são parte do exército industrial de reserva (porque nunca serão empregados, nem sequer temporariamente) são população excedente que o capital busca descartar antes que engrossem o caldo de possíveis revoltas.

CATÁSTROFES

Além das perdas de vidas humanas provocadas pela violência em suas várias formas, temos também as catástrofes ambientais. Os séculos de intervenção humana irracional na natureza provocaram diversos desequilíbrios no ecossistema global. A extração de minérios e outros recursos, a exaustão das terras férteis pela agricultura e pecuária intensivas, extinção de espécies animais e vegetais, o acúmulo de lixo e de poluição no solo, nas águas e na atmosfera; tudo isso ao longo de séculos de produção capitalista provocaram uma mudança climática mundial. Isso se manifesta em ondas de frio e de calor, secas, inundações, tempestades, nevascas, derretimento de geleiras e dos pólos, surtos de vírus e microorganismos letais (vaca louca, gripe do frango, gripe suína, ebola, etc.), etc. Mesmo algumas das catástrofes naturais que não podem ser evitadas (vulcões, terremotos, tsunamis) poderiam ter seus efeitos destrutivos atenuados pelo uso da ciência, formas de detecção, sinalização, etc. Há também

epidemias e pandemias que poderiam ser evitadas e controladas, se a ciência e a tecnologia fossem direcionadas para isso.

A produção capitalista é uma produção destrutiva, que não leva em conta as necessidades humanas e sim o imperativo de produzir mais e mais mercadorias (que não servem a necessidades reais e sim artificiais), cujo objetivo é realizar o valor de troca e reproduzir o capital de forma ampliada, e que depois se acumulam na forma de lixo, poluição, que também são parte do seu processo de produção. Esse impulso para o lucro não pode ser controlado por nenhum tipo de regulamentação ambiental, sanitária, de saúde pública, etc., por nenhuma instância nacional, nem muito menos internacional. O Estado é controlado pelas grandes corporações e obedece aos seus interesses, os agentes encarregados da regulamentação são corrompidos, as normas são burladas, o judiciário quase nunca age em tempo. Se algum governo nacional hipoteticamente quiser controlar as corporações, essas mudam seus negócios para outro país. Os negócios têm que continuar mesmo com a destruição ambiental. A propriedade privada dos meios de produção transforma as forças produtivas e a tecnologia em forças destrutivas que ameaçam a sobrevivência da humanidade.

MISÉRIAS

Aqueles que não morrem nas guerras e catástrofes provocadas pelo capitalismo vivem uma vida de miséria. São 805 milhões de pessoas que passam fome no mundo em 2014, segundo o órgão da ONU (<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-09/fao-805-milhoes-de-pessoas-passam-fome-no-mundo>).

Em 2012, segundo também a ONU, 863 milhões de pessoas, ou 33% da população urbana do mundo, viviam em favelas (Wikipédia). Segundo a ONG UAEM, que se dedica a lutar por políticas de saúde pública que enfrentem o monopólio das indústrias farmacêuticas, das 50 milhões de pessoas que morrem anualmente no mundo, 10 milhões morrem de doenças

tratáveis (<http://uaem-br.org/brasil/>).

Segundo a ONG OXFAM, as 85 pessoas mais ricas do mundo possuem uma renda equivalente à das 3,5 bilhões mais pobres (http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/01/140122_desigualdade_davos_pai). O 1% mais rico da população mundial fica com 46% da riqueza, enquanto que os 50% dos seres humanos mais pobres ficam com apenas 1% da riqueza mundial (cartacapital.com.br)

Segundo as estatísticas (também oficiais da ONU, o que significa números maquiados pelos governos nacionais), 6% da população economicamente ativa mundial está desempregada, o que equivale a 202 milhões de pessoas (<http://www.cartacapital.com.br/economia/desemprego-global-cresce-e-ja-atinge-mais-de-200-milhoes-de-pessoas-9833.html>), dado que evidentemente desconsidera os setores que vivem em situação de calamidade e deixaram de procurar emprego, vivem de subempregos, trabalho informal, etc.

FALTA DE PERSPECTIVAS

Esses fenômenos descritos acima não são acidentes de percurso, não são falhas temporárias, não são imperfeições que se possa corrigir com uma “melhor administração”. São resultados inevitáveis das tendências intrínsecas do desenvolvimento capitalista. A humanidade já vive sob este sistema há séculos e esses problemas não foram resolvidos, porque na verdade, não podem ser resolvidos dentro do capitalismo. Como dissemos acima, a lógica da competição entre as diversas frações do capital torna esse sistema impossível de ser controlado ou “humanizado”.

Esses elementos de barbárie tendem a se acumular com o tempo, por mais que momentaneamente, em determinadas épocas e em determinados países, eles pareçam não se manifestar. Cotidianamente, os gestores do sistema capitalista, os políticos em cada Estado nacional, renovam as promessas de que a vida vai melhorar, apenas para garantirem a continuidade da exploração e da opressão, como os candidatos em campanha no Brasil fazem hoje. Todos fazem promessas vagas de



melhorias, mas nenhum toca nas questões centrais, a lógica do lucro.

A continuidade do sistema capitalista significa a continuidade desses elementos de barbárie. A humanidade pode caminhar lentamente para a barbárie, sem que necessariamente haja uma grande explosão destrutiva, uma nova guerra mundial, etc. As catástrofes e misérias podem se acumular até que a humanidade esteja reduzida a formas de vida irreconhecíveis. Com isso queremos dizer que o sistema capitalista, por mais que tenha a tendência de destruir a humanidade, não destruirá a si mesmo nem será substituído automaticamente por alguma outra forma de vida social. Por mais graves que sejam as suas crises, o capitalismo seguirá de pé enquanto não for construída outra lógica de reprodução social. O capitalismo somente será destruído e substituído por uma ação coletiva, consciente e organizada, ou seja, uma revolução que tenha o objetivo explícito e declarado de acabar com o capitalismo e construir outro sistema social. O mundo precisa de uma revolução socialista!

Enquanto não reconstruirmos uma alternativa socialista, a humanidade seguirá decaindo em direção à barbárie. A falta de uma perspectiva de transformação social faz com que as formas de pensamento também girem em círculos em torno de falsas alternativas, desde a apologia direta do capitalismo (o discurso neoliberal), até as formas indiretas e irracionais de apologia (que negam a possibilidade da revolução social), tais como o fanatismo religioso, o irracionalismo filosófico, o cinismo e o pessimismo cultural, etc.

RECONSTRUIR A ALTERNATIVA SOCIALISTA!

Como dissemos no início, ainda está em aberto o debate sobre os motivos que levaram à derrota das tentativas de transição ao socialismo no século XX. Quaisquer que sejam esses motivos, porém, teremos que encontrar os caminhos para o socialismo no século XXI. Solucionar esse debate não será uma questão para acadêmicos, historiadores ou curiosos, mas uma questão de sobrevivência da humanidade. O máximo que podemos fazer, no epílogo deste texto, é apresentar algumas indicações:

√ O socialismo será mundial ou não será! O socialismo é impossível em um

só país. Ainda que a revolução seja uma tarefa “nacional”, ou seja, que tem que ser feita em cada país, a transição rumo ao socialismo deve ser feita em escala mundial;

√ Isso porque o socialismo, para ser construído, requer a socialização da riqueza, e não da miséria, como aconteceu nas revoluções que acabaram ficando restritas aos “elos frágeis da cadeia do capital” no século XX;

√ A socialização da riqueza não é a simples distribuição dos bens materiais, mas o controle social das forças produtivas. A ciência e a tecnologia devem ser postos a funcionar a serviço das necessidades humanas. Hoje a ciência e a tecnologia enfrentam um obstáculo mortal ao seu desenvolvimento, a propriedade privada das corporações e a competição entre os Estados, que faz com que os pesquisadores trabalhem em isolamento e concorrência uns com os outros, ao invés da partilha de conhecimentos e da cooperação. A simples ruptura com a lógica da competição e o estabelecimento da cooperação levariam a um salto gigantesco da capacidade produtiva, libertando a humanidade da escravidão do trabalho necessário e multiplicando as possibilidades de fruição do tempo livre, de novas relações, humanas, etc.;

√ Alguns setores do movimento socialista falam em “socialismo com democracia” ou “socialismo com liberdade”, para se diferenciar das experiências do século XX. Essas expressões, na verdade, são redundantes. Não existe democracia nem liberdade a não ser no socialismo. A ruptura da ordem capitalista tem que ser feita, como dissemos, com base numa ação coletiva, consciente e organizada. Isso significa que as formas de decisão devem ser partilhadas por todos, de maneira responsável, desde cada localidade, cada bairro, cada cidade, cada região, cada país, por meio de processos coletivos de decisão, de modo que os indivíduos decidam a todo o momento sobre todas as questões, sobre o que produzir, como produzir, como distribuir, como gerenciar os recursos coletivos, etc.

√ Esse sistema de decisão e administração coletiva de

todas as questões envolvem necessariamente a destruição do Estado tal como o conhecemos e a sua substituição por mecanismos de decisão baseados nas questões concretas a serem resolvidas, sem representantes e sem hierarquia, sem separação entre política e economia;

√ A construção desse sistema será uma obra da classe trabalhadora, ou seja, dos indivíduos diretamente responsáveis pelo intercâmbio do homem com a natureza e as atividades que garantem a sobrevivência da humanidade. Nenhuma outra classe social poderá cumprir essa tarefa, e as classes que hoje se beneficiam da exploração capitalista terão que ser destruídas enquanto classes, ou seja, os indivíduos que pertenciam as antigas classes dominantes e classes médias (e também os lumpens) terão que partilhar os mesmos direitos e deveres dos demais, do contrário, terão que ser reprimidos pela força;

√ As duas condições anteriores implicam que o socialismo só pode ser construído pela via revolucionária, ou seja, por uma ruptura da ordem existente, sem qualquer tipo de conciliação com o Estado e suas instituições.

Essas indicações colocam como tarefas imediatas a construção de organizações socialistas revolucionárias, que façam avançar a consciência dos trabalhadores e a sua organização independente das instituições e ideologias hoje existentes. A alternativa socialista não é uma ideia, mas um processo prático de ação e intervenção na realidade, a partir dos enfrentamentos concretos da luta de classes em andamento. É tarefa das organizações revolucionárias intervirem nesses processos para desenvolver a organização dos trabalhadores, sua capacidade de ação coletiva e consciente. Ou atualizamos a luta pelo socialismo, ou estaremos condenados à barbárie!

Este jornal é editado mensalmente sob responsabilidade da coordenação nacional do Espaço Socialista. Os textos assinados não necessariamente expressam a opinião da organização.

CONTATOS

www.espacosocialista.org
espacosocialista@hotmail.com

SIGA-NOS NO FACE

facebook.com/espacosocialista1